

## ISADORA: VENTOS & VAGAS

Maurice Vaneau

A autobiografia de Dora Angela (Isadora) Duncan, nascida em São Francisco, Califórnia, no dia 27 de maio de 1878, começa com as seguintes palavras: “Antes que eu nascesse, minha mãe se achava num estado de grande abatimento moral e a sua situação era verdadeiramente trágica. Ela só podia alimentar-se de ostras e champanha gelados”. O abatimento moral da Sra. John Charles Duncan, neé Mary Dora Gray, se devia ao fato de seu marido tê-la abandonado por um terceiro casamento, deixando-a com três filhos e um por nascer: Isadora.

A pobreza era uma situação permanente na casa dos Duncan e grande era a fome. Para manter a família, a mãe lecionava piano fora de casa. A mudança de endereço era uma constante na vida familiar, devido à frequente impossibilidade de pagar os aluguéis e à necessidade de escapar aos proprietários. Isadora se recorda de que um dia, na escola, a professora pediu a cada aluno escrever a história de sua vida: “Quando eu tinha 5 anos morávamos numa casa da Rua 23, mas não pudemos pagar o aluguel e tivemos que nos mudar. Fomos para a Rua 17, mas como logo depois não líamos dinheiro, o proprietário se zangou. Então nos mudamos para a Rua 22, onde ainda não pudemos viver em paz e tivemos de nos mudar para a Rua “O”. Ganhou um zero da professora e foi levada à presença da diretora Daí por diante, Isadora não parou mais de mudar de casa, percorrendo o mundo.

Em 1899, com a mãe e os três irmãos, a bordo de um cargueiro transportador de gado, rumou para a Inglaterra. Em Londres encontra a Sra. Patrick Campbell - famosa atriz e amiga de George Bernard Shaw -, que lhe abriu as portas da sociedade londrina. Dizem que, anos depois, Isadora teria escrito a Shaw pedindo-lhe para fazer-lhe um filho: “Imagine um filho que tivesse a minha beleza e a sua inteligência”. O sarcástico GBS teria respondido: “Impossível, imagine se ele tivesse a minha beleza e a sua inteligência!” 1900. Paris.

Não apenas ela chocava o público com seus pés descalços e pernas nuas, com a natureza diáfana de seus costumes e a sua maneira não ortodoxa de dançar, como também chocava afirmando que “a dança é uma religião e deveria ter os seus adoradores”. Ao mesmo tempo, ela descobria e apreciava as reuniões e festas do “grand monde”, as comidas finas e os admiradores e protetores apaixonados: ela adorava ser admirada. No entanto ela também prezava a austeridade da concentração solitária, do trabalho e da criação. Foi em Paris que ela aproximou as primeiras leis do movimento, consumindo horas sem fim em seu estúdio, “procurando aquela dança que seria a expressão divina do espírito humano através do movimento corporal”.

E começa aí o conflito entre arte e prazer, entre Dionísio e Baco, conflito esse que perdurará por toda a sua vida, impedindo-a provavelmente de realizar seu maior sonho: uma escola de dança para mil crianças do povo.

Sempre rebelde, ela afirmará mais tarde ser uma revolucionária, uma bolchevique, mas ela circula em ambientes aristocráticos, tendo uma afeição particular por reis, príncipes, champanha e caviar.

Atéia convicta, ela cita com frequência o Cristo e, depois da Revolução, num espetáculo para altas personalidades soviéticas, ela dançará a Ave Maria. De fato, durante toda a sua carreira ela

\* Texto publicado originalmente em: **Isadora: Ventos & Vagas**. [São Paulo, Teatro Cultura Artística - 1978]. [p. 2]. Cartaz de Divulgação.

dança ao mesmo tempo a revolução e a ressurreição. Mas não serão a mesma coisa? Depois de uma tournée pela Alemanha com Loie Fuller, outra pioneira da dança moderna, ela faz uma temporada extraordinária de um mês, em Budapeste.

Seu maior sucesso é “O Danubio Azul”, de Strauss. E é na “Cidade Dourada” que ela descobre o amor físico graças a um jovem e belo ator húngaro, Beregi, que naquela época interpretava o Romeu de Shakespeare.

O dinheiro ganho na temporada, uma pequena fortuna, lhe permite viajar para a Grécia, reeditando o percurso de Ulisses. Em Atenas, ela decide construir, ao pé da Acrópole, uma “casa-templo-estúdio onde a dança antiga renascerá”. Toda sua fortuna se extingue na perfuração de um poço que não dará jamais água. Ela apela para o socorro de seu empresário húngaro e reencontra o seu Romeu estudando o papel de Hamlet.

É um desastre!

Em Berlim, em 1904, Isadora encontra a grande paixão de sua vida, Edward Gordon Craig. Como ela, rebelde contra as velhas e as poeirentas soluções. Ele revolucionava toda a cenografia teatral, assim como ela a dança.

A afinidade dos dois no plano artístico só era superada pela paixão que nutriam um pelo outro. Desta paixão nasceu uma filha “natural”, Deirdre, (24/set./1906) e com ela Isadora começa a concretizar uma decisão assumida aos 12 anos de idade: lutar contra o casamento e a favor da libertação das mulheres. “Pelo direito que a todos deve assistir de ter um ou mais filhos, quando se desejar, e sem que com isso percam prerrogativas e dignidade”.

“Contra o estado de verdadeiro servilismo que as leis relativas ao casamento conferem à mulher”.

Anos depois, outro encontro, provocado pelo método Coué. “E preciso que eu encontre um milionário, repetia-me cem vezes por dia”. Com Paris Singer (das máquinas de costura), que ela chamava de Lohengrin, recebe luxo, riqueza e um segundo filho, Patrick. “Apesar de tudo sou muito feliz, talvez a mulher mais feliz do mundo: a minha arte, o sucesso, a fortuna, o amor e, acima de tudo, os meus dois filhinhos”.

Deirdre e Patrick morrerão afogados dentro de um carro no Rio Sena, em Paris. Isadora nunca superará essa tragédia!

“Desde a morte dos meus filhos cada dia é uma crucifixão”.

Sucedem-se diversas tournées, pelos Estados Unidos e Europa, inclusive pela, Rússia dos Czares. “Durante três horas, permaneci-sentada, no auge do espanto, diante das proezas extraordinárias de Pavlova, que parecia possuir um corpo de aço. Seu belo rosto tinha os traços severos de um mártir. Ela não descansou por um só instante. Todo esse treino parecia ter por escopo separar completamente os movimentos do corpo dos da alma; mas esta não pode senão sofrer, sentindo-se assim afastada por essa rigorosa disciplina muscular. E nada existirá de mais oposto a todas as teorias em que apoiei a minha escola, na qual o corpo se torna transparente e

não é mais do que o intérprete da alma e do espírito”.

Em Bayreuth, Isadora dança a Bacanal de “Tannhäuser”, conquistando não apenas o público, mas também a viúva Cosima Wagner que, perturbada, lhe confessa: “Querida, agora estou mesmo certa de que você está sendo inspirada pelo Mestre.”

Mais tarde, durante um almoço na Vila Wahnfried, de Wagner, é a blasfêmia: Isadora calmamente anuncia, em presença de Cosima, que “o Mestre cometeu um erro tão grave quanto seu gênio” - gêlo - “O drama musical não faz sentido. Sim, o homem deve falar, depois cantar e depois dançar. A palavra é o cérebro, o canto é a emoção, a dança é o êxtase dionisíaco que sobrepõe tudo. Não é possível misturar as três coisas: “Musik - Drama kann nicht sein”.

Em Berlim, a escola das “isadoráveis” está em situação delicada por motivos econômicos: os mecenas reagem ao comportamento pessoal de Isadora, livre demais para os costumes e a moral da época.

Outra tentativa de criar escola, graças à generosidade de “Lohengrin” Singer, em Paris, frustra-se, devido ao início da Primeira Grande Guerra. As “isadoráveis” refugiam-se na Suíça. A necessidade de levantar dinheiro com 50% de juros para poder sustentar a Escola durante a guerra, conduzem-na a aceitar uma tournée pela América do Sul.

1916. Depois de Buenos Aires e Salvador (“uma cidade quase tropical”), Rio, onde chegou “sem dinheiro e sem bagagens, mas no diretor do Teatro Municipal encontramos um homem assaz gentil, que tudo nos facilitou. Aí também defrontei um daqueles públicos inteligentes, vivos e vibrantes, que permitem aos artistas oferecer-lhes tudo o que de melhor trazem de si. Aí conheci o poeta João do Rio, muito querido da mocidade do Rio, onde aliás todos parecem ser poetas. Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada que gritava: Viva Isadora! Viva João do Rio!”

Em São Paulo, Isadora a princípio assusta Oswald de Andrade, então com 23 anos, convidando-o para uma ceia a dois, regada a champanha. E dança para ele, na penumbra de um quarto indiretamente iluminado, um tango. “Andávamos de carro por São Paulo inteiro” - reconheceu Oswald de Andrade. “Ela me fazia descer para pedir flores estranhas nos jardins das casas. Fomos a Osasco e, num pôr do sol entre árvores, ela dançou para mim, quase nua”. Em 1921, recebe convite do governo soviético: “Só o governo russo é capaz de compreender-vos. Vinde para aqui. Faremos vossa Escola”.

E ela vai, “sem levar um só vestido comigo. Via-me passando o resto da vida metida numa blusa de flanela vermelha entre camaradas trajando com igual simplicidade e todos exultantes de fraternidade humana ( ... ); eis o sonho que foi concebido na cabeça de Buda, o sonho entrevisto através das palavras de Cristo; o sonho que foi a esperança suprema de todos os grandes artistas; o sonho que Lenine, por magia, transformou em realidade”.

Na Rússia, em 1922, Isadora acaba casando com o jovem poeta Êssenin: união mais tempestuosa que todas as demais.

No meio da noite, Sol Hurok, famoso empresário americano, que os levava aos EUA, era acordado pelo gerente do Waldorf Astoria de Nova Iorque, queixoso do comportamento do casal, que, nu e bêbado, corria pelos corredores se agredindo, quebrando móveis e provocando desordem.

Em Boston, bastião dos descendentes dos imigrantes que vieram com as cara velas, Isadora interrompia a dança para manifestar suas opiniões políticas. Agitando sua écharpe ela gritava que era “tão vermelha” quanto ela.

O seu casamento termina com o suicídio de Essenin. Isadora recusa-se a receber a pensão do governo soviético, apesar de sua situação econômica desastrosa.

Volta para a França. Um último recital em Paris. Christian Bérard, conhecido cenógrafo de Louis Jouvet, relata: “Gorda. Bastante corpulenta, gorda. Mas eu nunca vi tal movimento em minha vida; uma transformação aconteceu quando ela começou a movimentar-se”.

Em 1927, no dia 14 de setembro, ela sai a passeio numa Bugatti, com um jovem italiano. Ao subir ao carro ela diz: “Adieu mes amis, je vais à la gloire” (Adeus meus amigos, parto para a glória). E sua amiga fiel, Mary Desti, grita-lhe, advertindo: “Isadora, sua écharpe! Sua écharpe!” Um jornal francês relatava, horas mais tarde: “Ontem à tarde, Isadora Duncan saiu a passeio, num carro de corrida, a écharpe que lhe volteava o pescoço e que a princípio esvoaçava agitada pelo vento acabou por se enroscar numa das rodas traseiras do carro. Sem que pudesse pedir qualquer socorro ou mesmo fazer um simples gesto, Isadora viu-se estrangulada com tal violência que a sua morte foi quase instantânea. Contudo a écharpe continuou a puxá-la e não tardou que seu corpo fosse arrancado do carro e projetado sobre a calçada da Promenade des Anglais. Quando a levantaram, já não era a mesma criatura. Estava irreconhecível: coberta de sangue e pó...”.

Isadora Duncan não deixou nenhum trabalho coreográfico, nada acrescentou ao código da técnica, exceto alguns exercícios simples. Seu legado foi um espírito da dança, um senso de dignidade e paixão.

“Nunca pude compreender que alguém pudesse ter vontade de fazer alguma coisa e deixasse de fazê-la. Tive a satisfação de abrir o meu caminho; mesmo quando fazer o que desejava resultasse em consequências trágicas. Fazer o que se quer fazer é a melhor solução contra a angústia e a frustração. Minha arte é Um esforço para expressar a verdade do meu ser em gesto e movimento. A dança que eu criei é a expressão da liberdade”.